

TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO E O CORONAVÍRUS

O COVID-19 TROUXE ALGUMAS LIÇÕES, ENTRE ELAS A DE QUE A TECNOLOGIA EDUCACIONAL É CAMINHO SEM VOLTA

EDUCAÇÃO BÁSICA

A ESCOLA ORIENTADA
POR DADOS

ENSINO SUPERIOR

A VIRTUALIZAÇÃO DA
EDUCAÇÃO OU A EDUCAÇÃO
DA VIRTUALIZAÇÃO?

PASTORAL

REENCONTRO COM O NÚCLEO
DE NOSSA EXISTÊNCIA

MANTENEDORAS

PILARES AO PROGRAMAS
E COMPLIANCE

ELE VAI SER ARQUITETO PARA
CRIAR PROJETOS SUSTENTÁVEIS
QUE AJUDARÃO NO DESENVOLVIMENTO
URBANO E NA PRODUÇÃO AMBIENTAL.

SISTEMA DE EDUCAÇÃO INTEGRA.
Resultados para a vida profissional.
Valores para a vida toda.

CENTRAL DE RELACIONAMENTO COM O CLIENTE
0800 729 3232 || relacionamento@ftdse.com.br



ABRIL | MAIO | JUNHO | 2020

06 EDUCAÇÃO BÁSICA

- A Escola orientada por dados

10 ENSINO SUPERIOR

- A virtualização da educação ou a educação da virtualização?

14 MANTENEDORAS

- Pilares ao programa de *compliance*
- Covid-19 é doença ocupacional?

18 PASTORAL

- Reencontro com o núcleo de nossa existência
- Curso de Português para imigrantes
- João é o discípulo amado

04 EDITORIAL**13 EVENTOS****38 ESTANTE****28 CAPA**

- Tecnologia nas escolas e o coronavírus

26 ENTREVISTA

Ricardo Fragelli

27 BOAS PRÁTICAS

- Experiência de aulas remotas na Educação Infantil do Maristinha Pio XII
- Solidariedade e engajamento em tempo de coronavírus
- Maristas se preparam para a Semana Champagnat 2020

35 REFLEXÃO

Três dias depois eles estavam reunidos: a perplexidade de Pentecostes

36 ARTIGO

As competências socioemocionais e a tecnologia

EDITORIAL

EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS: VAMOS CONSTRUIR JUNTOS

Não é de hoje que se fala nas novas tecnologias no âmbito educacional. Enxergamos a necessidade de alinhamento entre aprendizagem, educação com o cenário da tecnologia e da inovação.

Já vivemos há algum tempo em uma sociedade em rede, em que tudo, realmente está interligado. Assim, nesta edição da nossa Revista Educaneec, tentamos abordar diversos assuntos que permeiam os processos de aprendizagem focados nas aulas não presenciais. Ainda que já estivéssemos acompanhando esses novos modelos de aulas, foi preciso uma readequação muito rápida, dado o momento que estamos vivendo.

Entendemos que a realidade de nosso país é muito diversa. Mas entendemos também que é necessário repensar a educação e utilizar todas as novas tendências tecnológicas que surgem, com o intuito de impulsionar o aprendizado, a criatividade. É um momento de reinvenção para alunos, professores, coordenadores, gestores educacionais.

Por isso, a ANEC tem tentado transmitir o máximo de conhecimento e informação possível a todas as instituições educacionais, por meio das formações virtuais, ao disponibilizar um repositório de legislação, espiritualidade e boas práticas no site da Associação. Não deixe de acessar anec.org.br, nosso canal no Youtube e os perfis do Instagram e do Facebook. Esperamos que esta Revista seja um canal que leve ainda mais conhecimento que poderá ser aplicado no seu dia a dia.

Boa leitura!



PROF. DR. IR. PAULO FOSSATTI
Diretor-Presidente da ANEC



A Associação Nacional de Educação Católica do Brasil tem como finalidade atuar em favor de uma educação de excelência, promover uma educação cristã evangélico-libertadora, entendida como aquela que visa à formação integral da pessoa humana - sujeito e agente de construção de uma sociedade justa, fraterna solidária e pacífica segundo o Evangelho e o ensinamento social da Igreja.

CONSELHO SUPERIOR

Ir. Irani Rupolo – Presidente
Pe. Mário Sündermann – Vice-Presidente
Ir. Cláudia Chesini – Secretária

CONSELHEIROS

Frei Gilberto Gonçalves Garcia
Ir. Iranilson Correia de Lima
Ir. Ivanise Soares da Silva
Pe. João Batista Gomes de Lima
Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães
Pe. Josafá Carlos de Siqueira
Ir. Márcia Edvirges Pereira dos Santos

DIRETORIA NACIONAL

Ir. Paulo Fossatti – Diretor Presidente
Ir. Adair Aparecida Sberga – Diretora 1ª Vice-Presidente
Ir. Natalino Guilherme de Sousa – 2ª Vice-Presidente
Ir. Marli Araújo da Silva – Diretora 1ª Secretária
Pe. Maurício da Silva Ferreira – Diretor 2º Secretário
Pe. Roberto Duarte Rosalino – Diretor 1º Tesoureiro
Frei Claudino Gilz – Diretor 2º Tesoureiro

CONSELHO PARA ASSUNTOS ECONÔMICOS E FISCAIS - CAEF

Mauro Peres Macedo – Presidente
Luiz Cezar Marque – Conselheiro Titular
Pe. José Marinoni – Conselheiro Suplente
Júlia Eugênia Cury – Conselheira Suplente
Ir. Amélia Guerra – Conselheira Suplente

SECRETARIA EXECUTIVA

James Pinheiro dos Santos

CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Roberta Valéria Guedes de Lima

CÂMARA DE ENSINO SUPERIOR

Fabiana Deflon dos Santos Gonçalves

CÂMARA DE MANTENEDORAS

Guinartt Diniz Rodrigues Antunes

SETOR PASTORAL/RELACIONAMENTO INSTITUCIONAL

Ir. Cláudia Chesini

SETOR ADMINISTRATIVO/FINANCEIRO

Idelma Alves Alvarenga

GERÊNCIA DE COMUNICAÇÃO

Natália Ribeiro Pereira

COORDENAÇÃO DE EVENTOS

Davi Lira Varela Rodrigues

SECRETÁRIA-GERAL

Tatiana Perrine

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

PRODUÇÃO EDITORIAL

REVISÃO TEXTUAL

Júlia Eugênia Cury

PROJETO GRÁFICO

Verlinda Comunicação

A Revista EDUCANEEC é uma publicação da Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC)



CONHEÇA OS PARCEIROS ANEC



E TAMBÉM AS EDITORAS PARCEIRAS DA ANEC





A ESCOLA ORIENTADA POR DADOS

A análise de dados pelas escolas permite que a uma gestão exata sobre as necessidades da instituição

por *JMarlos Carmo*

De repente a escola se tornou “a distância”! Governos, empresas, de fato ninguém estava preparado para uma mudança tão rápida e em tão pouco tempo.

Quem estava aprendendo? Quem estava desmotivado? Quem leva a sério e quem não? Quem precisa de apoio e quem precisa de desafios? Todas essas perguntas tinham respostas prontas baseadas em observação, feeling ou até mesmo aquela conversa no canto ao término da aula. Antes da declaração da pandemia, o professor tinha controle de tudo ao fechar a porta da sala.

A escola sempre foi um lugar para aprender. Em

um mundo com tanta informação, mais do que conteúdos, a escola é também lugar para aprender a conviver, do olho no olho ou “de cuspe e giz”, como se diz costumeiramente.

Dessa forma, mais que algumas instituições se apresentem como tecnológicas e tenham feito um bom trabalho de transformação digital ao longo dos anos, o desafio apresentado pelo distanciamento social não estava nos planos. Agora a escola precisa se reinventar para conseguir se adaptar a este novo cenário com a mesma agilidade com que o vírus se espalha.

As três ondas

A primeira onda foi o esforço concentrado para a operação, ou seja, garantir que todos os estudantes e a equipe pedagógica tivessem acesso às plataformas, além de estarem preparados para a sua utilização. Então veio a segunda onda.

A segunda onda é representada pelo conteúdo. Uma vez que o acesso está garantido, é possível fazer novas perguntas: quais métodos e formatos de conteúdo estão sendo produzidos? O estudante está aprendendo? O volume de conteúdo está suficiente? O que é melhor: uma aula gravada ou uma live? Texto ou apresentação? Dúvidas: ao vivo, no fórum ou no WhatsApp?

Assim, aos poucos, a escola está aprendendo com tentativas e erros e também com o repertório de cada professor. Alguns já estão mais conectados e outros ainda mais analógicos, mas todos produzindo conteúdos digitais.

Agora que o acesso e os conteúdos estão minimamente coerentes com a proposta da escola, professores e equipe pedagógica precisam focar na terceira onda, que busca entender como está a qualidade do aprendizado. Desta vez não tem olho no olho ou percepções subjetivas do comportamento dos estudantes durante o encontro.

O cenário digital é muito mais complexo. Durante uma aula ao vivo, se o estudante tem algum problema técnico com sua conexão ou dispositivo, a não participação tem o mesmo efeito de uma falta. Mesmo que a aula esteja gravada ou os conteúdos sejam disponibilizados de forma assíncrona, como garantir que o

conteúdo foi consumido de maneira adequada? Ao disponibilizar uma lista de exercícios em PDF, por exemplo, no máximo saberemos se o estudante baixou o arquivo.

Rotinas básicas como garantir a presença do estudante, corrigir exercícios e tirar dúvidas estão tendo que ser repensadas e adaptadas para este novo cenário.

O Conselho de Classe

Imagine o seguinte cenário: é dezembro, final de ano escolar e estamos em um conselho de classe para decidir quem avança ou não para a próxima etapa. João, do 6º ano, precisa de 4 pontos para passar em Matemática. Para tomar essa decisão, os professores recorrem aos registros de notas, algumas anotações e lembranças, principalmente as mais recentes.

Apesar do convívio durante todo o ano letivo, cada professor pode construir percepções que vão de A a Z. Em um conselho de classe, muitas vezes, as decisões são tomadas a partir de diversos vieses e com pouquíssimos dados.

Mesmo que o professor de História tenha confiança no potencial de João pelo seu históri-

co nos últimos anos, o conselho pode decidir, com base em seu comportamento nas últimas etapas, que ele não teve aproveitamento desse ano e que deverá permanecer na 6ª série no ano seguinte.

A rotina da supervisora da escola é intensa porque além de apoiar os estudantes ela precisa se relacionar com as famílias e a equipe pedagógica. Entre um atendimento e outro, não ficou registrado, nem em sua memória e nem em suas anotações, a ligação da mãe de João no início da penúltima etapa, falando que o pai estava muito doente e que João estava passando por momentos difíceis.

Data-driven School

O termo data-driven, já comum no mundo dos negócios, significa "orientado por dados". Portanto, Data-driven School seria uma "escola orientada por dados".

Uma escola orientada a dados propõe deixar nossa intuição, experiências e insights qualitativos guiar os experimentos e projetos que escolhemos, mas sempre usar dados para provar ou contrariar as nossas hipóteses e, dessa forma, deixar de lado os achismos, vieses e aprender de fato com o mundo real.





Voltamos à história do João para explicar melhor a Pirâmide da Gestão do Conhecimento. Na representação da pirâmide, o dado ou o fato é o registro da doença do pai. A informação, que é a interação com esse dado, pode ser representada aqui pela ligação da mãe informando sobre a doença. Porém, a informação sem o conhecimento de todos os que lidam com o estudante, impediram que todo o time docente tomasse decisões melhores que pudessem apoiá-lo.

Se essa informação tivesse chegado a todos de forma tempestiva, a equipe poderia apoiar melhor o João? Suas notas e a relação com a escola seriam comprometidas? Ele estaria nesse momento sendo reprovado? A escola também é responsável?

Se esse cenário já era extremamente complexo pré-pandemia, fica ainda mais difícil a distância.

“O que pode ser medido, pode ser melhorado.”

Essa célebre frase de Peter Drucker, um dos maiores teóricos da Administração Moderna, re-

sume bem o que buscamos com uma escola orientada a dados e pode ser complementada por Deming, teórico reconhecido por estudos na área de Qualidade.

“NÃO SE GERENCIA O QUE NÃO SE MEDE, NÃO SE MEDE O QUE NÃO SE DEFINE, NÃO SE DEFINE O QUE NÃO SE ENTENDE, NÃO HÁ SUCESSO NO QUE NÃO SE GERENCIA.”
(DEMING, 1990)

Uma escola, assim como um negócio orientado a dados, tem algumas vantagens:

- Agilidade e eficiência para tomada de decisões;
- Previsões mais assertivas;
- Redução de custos por meio do compartilhamento de informações e conhecimentos;
- Desenvolvimento de práticas e projetos mais orientados ao estudante;

- Maior adaptabilidade e agilidade em relação às mudanças de cenário;

- Possibilidade de planejar o futuro e construir estratégias mais eficientes.

Os primeiros passos

Para ser uma escola orientada por dados, é importante que esse objetivo faça parte da cultura da instituição. Não basta criar uma área nova ou novos processos. Se os decisores ainda trabalham com a lógica do “faço isso há muitos anos e sempre funcionou”, então não adianta seguir a cartilha.

Assim, as três etapas mais importantes para fazer funcionar um sistema de orientação por dados são: a coleta dos dados, a análise dos dados e a ação. Vamos entendê-las um pouco melhor.

Coleta de Dados

Esta etapa é a base de tudo e deve ser tratada com muita atenção. Precisamos ter o compromisso com a veracidade dos dados, pois dados não precisos podem gerar vieses que por sua vez influenciam tomadas de decisões não assertivas.

Uma escola produz muitos dados o tempo todo, desde notas de prova e pontuação de atividades até ocorrências e registros de atendimentos de estudantes e famílias. Os registros costumam a ser feitos em cadernos, pedaços de papel ou sistemas. Nesse sentido, no dia a dia corrido nem todas as informações são compartilhadas e não estão disponíveis para o conhecimento de todos. As relações da escola acabam sendo um grande quebra-cabeça, dessa maneira professores e gestores tomam decisões com algumas peças somente.

Nesta etapa precisamos focar na construção de uma Fonte Única de Verdade, que na prática significa estabelecer um local oficial de coleta e armazenamento de cada dado. Você já deve ter se deparado com uma informação que tem respostas diferentes dependendo a quem você direciona a pergunta. Muitas vezes o número de estudantes da escola no sistema não é o real, o mais preciso é o da planilha da secretaria escolar.

Agora que temos nossa fonte única, precisamos que ela seja confiável. Invista o tempo necessário para sanitizar os dados, ou seja, deixá-los tabuláveis, legíveis, relacionáveis, corretos e acima de tudo prontos para serem transformados em informação.

Análise dos Dados

Uma vez que tenhamos os dados, precisamos entender quem será o público que terá acesso às informações, para que possamos separar o que é e o que não é essencial para cada um deles, pois o excesso de informações

irrelevantes também é um grande problema.

Entreviste e busque entender como é o dia a dia dos profissionais da escola e veja quais informações irão fazer realmente diferença para em seguida desenvolver relatórios que atendam às suas necessidades.

Crie rotinas de envio de relatórios e de acompanhamento das informações de forma periódica, porque assim será possível acompanhar os grandes pontos de atenção durante todo o tempo e não somente ao final das etapas.



Ação

Com as informações essenciais, precisas e de forma tempestiva, é hora de agir.

Muitas ações podem ser sugeridas nos relatórios, já que envolvem mais rotinas do que decisões importantes. Por exemplo, seria possível automatizar o envio de um relatório toda segunda-feira para os professores e listar os 10 estudantes que mais precisam de atenção em relação às notas. No mesmo relatório poderia haver sugestões de ações, como propor uma lista de

exercícios ou encaminhar tal aluno para uma aula de monitoria.

Data-driven School na pandemia

Uma das oportunidades que o período pandêmico pode nos trazer é acelerar a digitalização da escola e da equipe pedagógica. Todo o conteúdo e as interações estão sendo registradas em diversas plataformas digitais, ou seja, os dados já estão disponíveis. Podemos agora transformar esses dados em informação, que ao virar conhecimento nos ajudará a tomar melhores decisões.

É importante salientar que a gestão por dados é uma ferramenta muito relevante, mas não deve ser encarada como resposta única. A escola é um ser extremamente complexo e com muitas especificidades. Precisamos lembrar que a todo momento estamos tratando de relações humanas e da formação de indivíduos, não de zero e uns, bits ou bytes.

Nós, Agostinianos, estamos desenvolvendo o Campus, uma plataforma desenhada especificamente para a Educação Básica e que nos permite transformar nossa escola orientada por dados, conectando estudantes, professores, gestores e família.

Acreditamos que quanto mais entendermos a importância desse movimento, mais estaremos perto da tão sonhada educação personalizada, em que "Joãos" possam ser tratados como únicos, com seus vícios e virtudes.

Marlos Carmo

Líder de Inovação SIC - Sociedade Inteligência e Coração Agostinianos



A VIRTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO OU A EDUCAÇÃO DA VIRTUALIZAÇÃO?

A análise de dados pelas escolas permite que a uma gestão exata sobre as necessidades da instituição

por **Prof. Me. Evandro Luís Ribeiro**

A Covid-19 trouxe a necessidade do isolamento social. A força com que a pandemia avançou mostrou-se tão devastadora que tem colocado todo o sistema à prova. Entre os recursos que possuímos para este momento, destaca-se a “virtualização” das coisas. O agir remotamente tornou-se uma imposição da pandemia. Podemos considerar este processo uma condição emergente e necessária no atual contexto. A virtualização tem sido a principal aliada de diversos segmentos, principalmente da educação. É possível imaginar o quão complexo tem sido para as instituições de ensino desenvolver de forma célere a formação e a conscientização para este novo *mindset*.

Como estruturar-se tecnologicamente, capacitar os docentes, orientar os alunos, absorver e atender a todos considerando as eventuais limitações tecnológicas têm sido temas frequentes discutidos pela internet. Nesse sentido, as IES atuantes na EaD e até mesmo as escolas mais preparadas da educação básica, de certa forma, saíram

à frente em alguns aspectos, mas não com a qualidade e eficiência da sua condição natural.

Por razões naturais à própria condição humana, em tempos de crise, ganha força uma virtude: a solidariedade, que tem movimentado essa mudança de *mind-set* em toda a sociedade, e não foi diferente com a educação. Inúmeros debates, prestação de serviços, disponibilização de recursos e até consultorias têm sido oferecidos gratuitamente. Nesse cenário, cabe a nós o exercício da atividade de curadoria de todo esse universo, no sentido de adequar os nossos interesses aos temas que convergem com as nossas necessidades.

É sabido que nem toda receita é capaz de gerar o bolo perfeito, uma vez que cada instituição, docente e aluno têm preferências e limitações. Buscar os ingredientes necessários (recursos), elaborar a receita (planejar), fazer o bolo (colocar em prática) e depois colher a percepção daqueles que o experimentaram (avaliar), no momento, pode ser a lógica mais adequada.

A postura dialógica com pais e alunos; a transparência e o zelar pela confiabilidade; a exposição da real situação vivida e a justificativa para cada decisão; e a ação humana e comprometida podem ser alguns dos segredos que as melhores receitas e os melhores recursos não trazem. Aí pode estar o diferencial de cada instituição.

Se tudo isso for compreendido, colocar em prática recursos tecnológicos e didáticos à disposição e que tendem a promover o processo de ensino e aprendizagem é algo facilmente operacionalizável. Basta somar empe-

nho de gestores, docentes, pais e alunos aos inúmeros recursos que nos estão disponíveis.

Ainda que os esforços aconteçam, é preciso apontar alguns contextos dessa nova lógica da educação, ainda mais quando se relacionada às ações emergenciais. Refiro-me aqui ao uso de tecnologias, com a Educação a Distância (EaD), modalidade de ensino que tem como premissa principal o uso de tecnologias da educação e comunicação como ferramentas de apoio no processo de ensino e aprendizagem. Os modelos de EaD configuram-se como uma complexa estrutura pedagógica que envolve inúmeros recursos didáticos e tecnológicos, estrutura de docentes e tutores, processos acadêmicos automatizados, polos de apoio presencial como espaços físicos para uso dos alunos, além de um sólido planejamento, uma rigorosa regulação por parte do Ministério da Educação, assim como as devidas autorizações para atuar na oferta da modalidade.

Dessa forma, considerando todo o contexto apresentado, classificar as ações emergenciais de virtualização como EaD, a meu ver, pode ser um equívoco. Não por acaso, muitos têm utilizado a expressão ensino remoto como forma de fazer a distinção entre os cursos presenciais, que agora se valem em maior grau da mediação por tecnologias, e os cursos genuinamente oferecidos a distância, cada qual em sua devida modalidade.

É importante destacar essa diferença, preservando-a, de modo que sejam respeitadas as particularidades de cada modalidade. Afinal, há todo um cará-

ter legal atribuído a cada uma delas e a tônica do momento é uma situação emergencial, que tende a se normalizar em breve.

De qualquer forma, há um desafio mais significativo por trás dessa aparente “fusão” de modalidades. É tempo de pensar em um novo modelo educacional que seja capaz de incorporar o que há de melhor e necessário no ensino presencial e o que há de melhor na EaD, de modo que dessa simbiose resulte um projeto pedagógico moderno, inovador, amparado em tecnologias, mas que considere o importante papel do docente, respeite os estudantes em suas particularidades e considere as novas tendências que fatalmente emergirão em uma sociedade pós-Covid-19.

Isolamento social não é distanciamento acadêmico. Engajamento, interatividade, sincronissidade, assincronicidade, respeito e, principalmente acesso, são elementos que devem nortear as nossas ações. As tecnologias não podem ser excludentes, olhar para o aluno na sua condição é essencial para o desenvolvimento de um bom projeto.

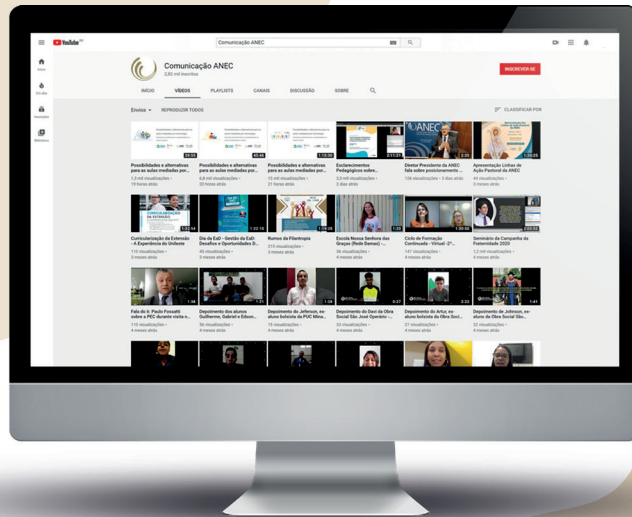


Por Prof. Me. Evandro Luís Ribeiro
Coordenador Geral de Educação a Distância do
Claretiano - Centro Universitário

ACESSE O CANAL DA ANEC NO YOUTUBE!

Confira conteúdos exclusivos sobre estratégias para aulas em novas tecnologias.

 **Comunicação ANEC**
bit.ly/ANEC_Youtube



DIA ANEC NACIONAL VIRTUAL

Oportunidades e Desafios para uma Nova Educação

24 de agosto
19h às 21h

REALIZAÇÃO  **ANEC**
Associação Nacional de Educação Católica do Brasil

PATROCÍNIO  **Edify**  **Bom Jesus EDITORA**



EVENTOS ANEC EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS

Neste momento, por conta da epidemia do novo Coronavírus (Covid-19), aproximadamente 290 milhões de crianças e jovens em todo mundo estão sem frequentar a escola. Alguns países têm adotado estratégias de educação on-line e por outras mídias para garantir a continuidade das atividades curriculares.

Milhares de professores estão gravando aulas diárias, oferecidas de forma síncrona e assíncrona, e preparam atividades de feedback e avaliação a fim de manter contato com seus alunos e dar continuidade ao processo educacional. Todos estão tendo que se reinventar como profissionais, alunos e instituições. Pensando nisso, a ANEC tem preparado diversas formações virtuais com o objetivo de manter atualizados os professores, gestores, coordenadores, além de tirar as dúvidas sobre legislações que têm saído neste momento. A Associação montou no Youtube, uma playlist com todos esses eventos. Um conteúdo exclusivo para

que os profissionais de educação não se sintam desamparados em uma situação que exige planejamento e produção de materiais específicos.

Sabemos que as associadas têm tido necessidade urgente a adaptação de toda rotina, na maioria das vezes, já bem estruturada. Por isso, nossas formações virtuais pretendem auxiliar tanto as instituições de Ensino Superior quanto as de Educação Básica na delimitação de próximos passos, sem deixar de lado, é claro, a questão da espiritualidade, intrínseca a nossa atividade.

Além desses eventos, contaremos ainda com momentos importantes como o Lançamento da Coletânea de Inclusão volume 2 no dia 27 de julho, a Super Tarde Pedagógica da Educação Básica nos dias 19 e 20 de agosto e o Dia Anec Nacional Virtual, no dia 24 de agosto, em novo formato, completamente on-line. Mais informações serão publicados em breve em nosso site.



PILARES PARA UM PROGRAMA DE COMPLIANCE

Programa Efetivo de Compliance, fortalece a cultura, avança os negócios e protege a reputação da empresa.

por *Camila Almeida Garcia e Clarissa Foliatti Ramalho*

O compliance é o cumprimento de normas e padrões estabelecidos pelas corporações, um conjunto de medidas capazes de PREVENIR, DETECTAR e CORRIGIR/MITIGAR irregularidades, desconformidades e condutas corruptas. A questão do cumprimento legal é um preceito básico. É uma estratégia de negócio atuar na gestão integral da empresa, seja ela interna ou externa. A primeira refere-se a como os funcionários devem agir, seguindo a conduta da própria empresa. Já a gestão externa direciona-se à contratação de novos funcionários, envolve também transparência com os consumidores.

OBJETIVOS:

Agregar valor ao negócio, não apenas pecuniário.

CULTURA ORGANIZACIONAL

É necessário que todos saibam como funciona o negócio. A partir da organização funcional é mais fácil discriminar as funções de uma maneira sistemática à integração para cumprirem os objetivos de forma mais eficaz.

ACRÉSCIMO DO VALUATION DA EMPRESA

gestão bem fundada aumenta o valor da empresa.

MELHOR RELAÇÃO COMERCIAL

Facilita a comercialização com outras empresas já aderidas ao programa, com parceiros comerciais mais seguros.

REDUÇÃO DO CUSTO DA NÃO CONFORMIDADE

Diminuição dos custos fixos, no estudo do comportamento de custos comparados.

PILARES PARA UM PROGRAMA DE COMPLIANCE

Comprometimento da alta administração:

Os diretores do negócio devem valorizar o programa, tornando-se exemplo, como na expressão *Tone at the top*. A alta administração deve seguir com clareza e efetividade o programa e adotar alguns comportamentos, como:

- **ENTREVISTAS COM A ALTA ADMINISTRAÇÃO** – os empregados devem conhecer a quem trabalham para haver um respeito mútuo.
- **TREINAMENTOS ESPECÍFICOS** – a fim de evidenciar o *Tone at the top*, a alta administração deve participar dos treinamentos em todos os níveis, com o intuito de agregar valor ao negócio e gerar sustentabilidade, já que o empregado enxergará sua necessidade para a empresa.
- **RISCO** – impacto versus probabilidade. Deve-se mapear incertezas para avaliar as probabilidades, as causas dos eventos com os impactos, os efeitos dos episódios e decidir o que se pode incluir, sendo necessário revisá-los e monitorá-los.

A gestão de risco precisa ser parte integrante de todas as atividades organizacionais para contribuir com resultados consistentes e comparáveis. Serve para antecipar, detectar, reconhecer e responder a mudanças e eventos da melhor maneira.

A ISO 31.000, norma internacional para gestão de riscos que estabelece princípios e orientações, define que a estrutura de gestão de riscos é um ciclo formado por: concepção – implementação – avaliação – melhoria – integração, baseado na liderança e comprometimento.

- **DUE DILIGENCE** - diligência prévia, a qual toma medidas prudentes perante um investimento em potencial, conjunto de procedimentos de levantamento e análise de informações de terceiros para fins diversos. Saber quais as referências das pessoas que são seus empregados, seus fornecedores e tornar a empresa mais correta.
- **CAPACITAÇÃO E TREINAMENTO** – segundo a “Caixa de Betari”, o Ciclo da Atitude define que a atitude influencia o comportamento que influencia a atitude que influencia o comportamento. A alta

administração deve treinar os empregados periodicamente para manter o bom funcionamento. Pode ser resumido pelo ciclo: Objetivo – Preparação – Apresentação – Avaliação – Diagnóstico.

- **COMUNICAÇÃO** – para que todos os pilares tenham efetividade é necessária uma boa comunicação, que disponibilize meios para informação de calendários, modificações físicas do local de trabalho e inclusive os programas de compliance, por normativos internos.
- **INVESTIGAÇÕES INTERNAS** – mostrarão o que não está fluindo internamente na empresa e impedindo o crescimento esperado. Pode ser realizado por um profissional especializado e terceirizado. É importante que esse tenha autonomia. Nesse sentido, a instalação de um canal de denúncias pode facilitar a maneira desse profissional trabalhar. Canal de denúncias – responderá diversas dúvidas quanto à investigação interna, ao comprometimento da alta administração e a outros temas pertinentes à gestão de um modo intrínseco. É imprescindível que esse canal seja totalmente anônimo e o empregado não sofra retaliações posteriormente.
- **CÓDIGO DE ÉTICA** – normas de conduta que deverão ser escritas e de fácil acesso, elaboradas com base nos objetivos e valores da empresa, o qual preverá os direitos e deveres, assim como as condutas adversas e respectivas sanções. Além disso, deverá informar também o canal de denúncias e, se existir, o programa de compliance. É fundamental que esse código seja moldado à cultura da empresa.

Seguindo os componentes de maneira una, como se faz um programa de compliance, é possível garantir transparência e integridade ao negócio, o que impulsionará o crescimento e a valorização da empresa. Isso ajudará enormemente a evitar que ocorra algum abalo na reputação como já visto por grandes empresas no passado. É uma gestão contínua e crescente para priorizar e colocar em prática os objetivos da empresa.



COVID-19 É DOENÇA OCUPACIONAL?

Indagação que ecoa no mundo jurídico ganhou força após julgamento do STF que determinou suspensão do art. da MP 927/2020

por **Vera Maria Barbosa Costa**

O Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu, no fim de abril, a eficácia do artigo 29 da Medida Provisória n.º 927/2020, que previa que “os casos de contaminação pelo Coronavírus (Covid-19) não serão considerados ocupacionais, exceto mediante comprovação donexo causal.”

Após a suspensão, instalou-se a dúvida: trabalhador contaminado pelo Coronavírus será considerado vítima de acidente de trabalho?

O STF, ao julgar várias ações diretas de inconstitucionalidade

não reconheceu a contaminação pelo coronavírus como doença ocupacional. Apenas suspendeu a eficácia do citado artigo 29 da referida Medida Provisória n.º 927/2020.

De acordo com o julgamento das ações que questionavam a inconstitucionalidade da MP n.º 927/2020, o que motivou os ministros a suspenderem o artigo foi o fato dos trabalhadores de atividades essenciais estarem expostos ao vírus, como enfermeiros, médicos, fisioterapeutas, entre outros, não sendo correto, para os minis-

tros do STF, exigir desses trabalhadores a prova do nexocausal na hipótese de contaminação.

O Ministro Luiz Roberto Barroso se manifestou quanto ao tema: “Considerar *ex vi legis* que os casos de contaminação pelo Coronavírus não são considerados ocupacionais, salvo a comprovação do nexocausal, se exige uma prova diabólica. Eu penso que a maior parte das pessoas que desafortunadamente contraírem a doença não são capazes de dizer com precisão onde e em que circunstância adquiriram a doença”.

Dessa forma, não houve no STF o reconhecimento de que a contaminação pelo coronavírus é por regra uma doença ocupacional. A suspensão do artigo tão somente importa na aplicação dos preceitos legais já existentes, como o art. 20 da Lei n.º 8.213/91, que já conta com elementos para separar o que é do-

ença ocupacional e o que não é.

Em caso de atividade de risco, como são os casos dos hospitais, casas de saúde, ambulâncias, em que o trabalhador fica exposto ao contato com pacientes contaminados, onexo causal entre a atividade laboral e a contaminação é presumido. Assim, cabe ao empregador comprovar que a contaminação não ocorreu nas suas dependências durante o labor do trabalhador.

Essa é a lógica que se extrai do entendimento do Supremo Tribunal Federal ao fixar a Tese n.º 932, em 12/03/2020, quando reconheceu que “o artigo 927, parágrafo único, do Código Civil é compatível com o artigo 7º, XXVIII, da Constituição Federal, sendo constitucional a responsabilização objetiva do empregador por danos decorrentes de acidentes de trabalho, nos casos especificados em lei, ou quando a atividade normalmente desenvolvida, por sua natureza, apresentar exposição habitual a risco especial, com potencialidade lesiva e implicar ao trabalhador ônus maior do que aos demais

membros da coletividade”.

Nas demais atividades empresariais que normalmente não expõem o trabalhador a risco especial de contaminação, poderá ocorrer o reconhecimento do nexocausal da contaminação com a atividade laboral realizada, haja vista a retirada do empregado de sua suposta zona de proteção, sua casa.

Porém, nos casos em que o trabalhador não é exposto a risco, caberá ao empregador comprovar que tomou todas as medidas para evitar a contaminação dentro de suas dependências.

É muito importante que o empregador entre em contato com a empresa de medicina e saúde do trabalhador que lhe auxilia e solicite orientações, se possível com participação de médico especialista na área de infectologia e/ou epidemiologia, para que possam ser definidas as medidas eficazes para conter a disseminação do vírus.

Várias são as medidas preventivas que devem ser tomadas pelo empregador, como providenciar equipamentos de prote-

ção individual (EPIs) em quantidade necessária indicada pela área médica, assim como produtos e materiais indicados para contenção da contaminação.

Destaca-se ainda a realização de treinamentos dos trabalhadores, de forma a orientá-los quanto ao método de utilização dos EPIs, dos produtos de higienização, do distanciamento e das demais medidas definidas pelo corpo técnico.

Além dos treinamentos, com certificado para cada trabalhador, é necessário colocar as orientações por escrito, colher a assinatura do colaborador em fichas técnicas, normas internas e instruções escritas, para comprovar, em juízo, se necessário for, quanto à ciência do colaborador em relação às medidas preventivas tomadas pela empresa, a fim de demonstrar a ausência de nexocausal entre a atividade laboral e a contaminação pelo coronavírus.

É importante ressaltar que tais medidas não eximem o empregador na possibilidade de se reconhecer a contaminação como uma doença ocupacional. Se o empregador não cuidar do empregado, for displicente, a responsabilização pela contaminação poderá ser reconhecida.

Nesse sentido, o importante é não expor o trabalhador a condições de risco e lhe oferecer condições seguras para o exercício da atividade laboral. É de extrema necessidade a segurança e saúde do trabalhador para salvar vidas. Isso é o que importa neste momento.





REENCONTRO COM O NÚCLEO DE NOSSA EXISTÊNCIA

Estar em casa fala muito sobre nós e nos faz olhar para dentro enxergando aquilo que é só nosso

por *Aleluia Heringer*

A pandemia nos impôs a suspensão da vida social. O toque de recolher nos pegou de surpresa. Não nos restou outra saída a não ser obedecer. Mas, ir para onde? Para casa.

Abro aqui um parêntese, pois nada que será dito após essa pausa se aplica aos brasileiros e brasileiras que vivem nas ruas. No mínimo, temos que nos perguntar: que tipo de organização social legitimamos e que leva à produção desse “resíduo social” ou “sobra humana”? Essa realidade, por si só, já nos desmonta e retira de nós toda pretensão de sermos arautos da justiça, da bondade ou da misericórdia. Ao contrário, nos coloca em nossa devida insignificância e nos interpela: ainda temos muito por fazer. Dito isso, prossigamos.

No reencontro com o núcleo de nossa existência, nos deparamos com diferentes encontros, a casa com nossos móveis e pertences, mas será lá o nosso espaço? Somos seres que estão sempre “indo”, ausentes de morada, que nunca param. Não sossegamos e não suportamos o “nada fazer” ou o silêncio. Não seria o nosso cansaço e falta de paz provenientes dessa ocupação constante e agitação física e mental?

Estar em casa nos abre a oportunidade de ava-

liar nossos pertences. Eles falam de nós, de nosso estilo de vida. Quantos itens? O que tem sobrando aqui que está faltando lá fora? Do que podemos nos desfazer, não para colocar outro no lugar, mas como forma de levar uma vida de mais sobriedade? Esse é um “para casa” que, realizado com intencionalidade, será poderoso nesse reencontro com nossa existência.

Cabe àqueles que estão na casa participar das tarefas domésticas. São inúmeras ações ordinárias que muitos que nem sabiam que existiam, mas foram chamados a participar. Elas nos ensinam sobre o tempo, nos impõem uma resistência e têm, em si, uma dificuldade que “nos agarram”. Não que sejam ações complexas, ao contrário, são bem simples, mas consomem tempo e são repetitivas. Ao contrário do mundo virtual, ocorrem diariamente e nos relembram que há um tempo real de 24 horas, da vida off-line que está em harmonia com o tempo do nosso corpo biológico. São as experiências ordinárias que nos lembram que temos uma humanidade.

Reencontramos quem mora conosco. Quem é essa pessoa que divide o teto comigo? Ninguém vai sair e ninguém vai entrar. Somente nós. Hora de aproximar – reparar e dar generosamente seu tempo e disposição.

Reencontramos o nosso corpo, silenciado e ignorado nos sinais emitidos de cansaço. Sacrificamos o tempo das refeições, as horas de sono, da atividade física e do renovador tempo do “nada a fazer”. Façamos uma avaliação sincera: continuando assim, o que nos espera? Em que medida, o descuido com o

meu corpo será peso, não somente para mim, para aqueles que me amam?

O quinto aspecto é o fato de estarmos confinados devido à forma equivocada e perversa como nos relacionamos e confinamos as outras espécies. Vivemos em uma casa comum, entretanto procedemos como se a nossa espécie fosse a única com direitos. Dizemos e cantamos que “tudo está interligado, como se fôssemos um”, porém somos seletivos e cortamos as conexões e interdependências que nos conectam com o mundo natural. Em 2013, um relatório da ONU – FAO, já denunciava que 7 em cada 10 doenças surgidas desde a década de 1940 eram de origem animal.

A mistura de nossa ação predatória em relação aos ecossistemas, o confinamento de biótipos de animais para consumo humano e as grandes aglomerações nos centros urbanos geraram um desequilíbrio na fauna e na flora, o que tornou o ambiente favorável para a seleção de novas mutações e o aparecimento de novas doenças para as quais não há remédios ou vacinas e nos deixam, a cada dia, mais vulneráveis. Nesse reencontro com aquilo que alimenta o nosso corpo, deveríamos nos perguntar: de que é feito isso e aquilo? Como é produzido? Esse ato automático de levar o garfo até a boca, para muito além do gosto pessoal, cultura ou tradição, em tempos de pandemia, passa a ser um gesto político, ecológico, ético, humanitário, sanitário, social e, por que não, saudável.

O sexto aspecto tem relação com a nossa Casa Comum. Quando saímos de cena e res-

tringimos nossa circulação, a poluição e as emissões de gases de efeito estufa caíram consideravelmente como consequência da diminuição da atividade econômica, do cancelamento de voos e menor circulação de carros. Esse tem sido um tempo providencial de respiro para nossa Mãe Terra. Reparem que a experiência dolorosa da pandemia pode ser pedagógica se também a entendermos como uma simulação e oportunidade de nos prepararmos para aquilo que iremos viver no caso do agravamento da crise climática.

Por fim, o sétimo aspecto é a volta para nossa casa interior e o reencontro com a transcendência e com a nossa espiritualidade. Ter recursos dentro de nós para prosseguirmos, vem daquilo que cultivamos diariamente e isso, dentro do nosso próprio quarto. Passar por tantas turbulências demanda fortalecer a nossa fé e investir tempo de nossas vidas nas disciplinas espirituais.



Aleluia Heringer

Doutora em educação (UFMG) e diretora do Colégio Santo Agostinho – Contagem. Líder de sustentabilidade e do Centro Agostiniano em Ecologia Integral – ilali (SIC).

PREPARADO PARA ENTRAR NO UNIVERSO DO ALUNO?

Ensine e aprenda na era digital!

Há mais de 13 anos atuamos na formação e capacitação de professores em um **Programa de Fluência Digital** desenvolvido por um time pedagógico formado por mestres e doutores.

**1º Parceiro Global
do Google for Education**



Saiba como impactar a experiência de aprendizagem



11 99704-6048
foreducationedtech.com.br
contato@foreducationedtech.com.br
#TecnologiaParaAprender

AR
D?

Foreducation
EdTech

...itação de
...desenvolvido
...utores.



...m de seus alunos! **Vamos conversar?**

Parceiro Oficial
ANEC



Google Cloud
Partner

Specialization:
Education



CURSO DE PORTUGUÊS PARA IMIGRANTES

Projeto de inclusão participativa que amplia perspectivas no presente e para o futuro.

por *Humberto Herrera Contreras e Elza Rodrigues de Souza*

O Curso de Português para Imigrantes é um projeto da Fundação Honorina Valente realizado em parceria com a Faculdade Padre João Bagozzi, em Curitiba, Paraná. A Fundação é a responsável pela contratação dos professores e intérpretes para ministrar as aulas, e a Faculdade Bagozzi acompanha o projeto visando a garantia de infraestrutura física e tecnológica, bem como a participação dos imigrantes em atividades de extensão universitária e a certificação de participantes no curso.

Desde agosto de 2015, as aulas acontecem de segunda a sexta-feira, das 19h às 21h30min, no espaço da faculdade. As aulas são ministradas pela professora Márcia Mattos da Silva com o auxílio de dois intérpretes de origem haitiana: Teuvenot Elisas e Nadine Hyppolite.

Inicialmente pensou-se na comunidade haitiana, no entanto as demandas sociais fizeram com que imigrantes de outras nacionalidades como, venezuelanos, nigerianos, palestinos, peruanos e sírios

pudessem participar com o objetivo de possibilitar-lhes uma participação social mais significativa bem como ampliar as suas possibilidades de empregabilidade. Também, a Pastoral Universitária apoia o projeto ao integrar os imigrantes e as suas famílias nas atividades sociais, culturais e religiosas que são propostas para a comunidade universitária.

O projeto prevê ainda a possibilidade de concessão de bolsas de estudo no ensino superior para os participantes. Atualmente, já são 16 imigrantes cursando o Ensino Superior e 2 já concluíram e estão formados.

O curso de **Português para Imigrantes** está abrindo portas e ajudando os alunos imigrantes nessa nova etapa de suas vidas. O projeto já atendeu mais de 150 imigrantes, 21 já revalidaram seus estudos de Ensino Médio e 10 estão em processo de revalidação.

Recentemente, participantes do curso conseguiram obter o reconhecimento de proficiência em

“Esta experiência de convivência fraterna nos inspira diariamente para atitudes inclusivas e cooperativas. Nossos irmãos e irmãs imigrantes nos ensinam, com seus testemunhos e projetos de vida, a solidariedade que o humanismo cristão nos fala.”

Humberto Herrera

“Chamo-me Márcia Mattos da Silva. Sou formada em letras pela UERJ e trabalho para a Fundação Honorina Valente há quase cinco anos, temos como menina dos olhos o projeto de ensino de Português para imigrantes e refugiados. O curso é coordenado pela assistente social Elza Rodrigues que o idealizou em parceria com a Faculdade João Bagozzi, que cede o espaço de suas salas com excelente infraestrutura. As aulas acontecem de segunda a sexta-feira das 19h às 21h30. Tenho o auxílio de dois intérpretes também estrangeiros: Teuvenot Elisias, formado em Pedagogia no Haiti e em direito pela UFPR e Nadine Hyppolite, que estuda Serviço Social, sendo fluente em crioulo, espanhol e português. Para mim é precioso e prazeroso este tempo em que passamos juntos. Ensinar português para eles é muito bom, pois assim eles caminharão com independência por nossa sociedade”.

Márcia Mattos da Silva, professora

“Eu me chamo Teuvenot Elisias. Sou formado em Pedagogia pela UPAG no Haiti e em Direito pela UFPR. Trabalho para a Fundação Honorina Valente há quase cinco anos, exercendo a função de intérprete no ensinamento de português para os imigrantes e refugiados. É uma honra para mim acompanhá-los também no processo de revalidação de diploma de ensino médio completo aqui no Brasil e direcioná-los para o ensino superior. É importante ressaltar que este projeto só é possível com a grande contribuição da coordenadora do curso e Assistente Social Elza Rodrigues, que o planejou em parceria com a Faculdade João Bagozzi. Para mim, o ensino de português para eles é elemento fundamental, pois é quase impossível no processo de inserção na sociedade brasileira, no mercado do trabalho e no mundo universitário não haver o domínio do idioma do país em que eles estão”.

Teuvenot Elisias, intérprete

“No ano de 2015, vários meios de comunicação publicavam notícias sobre a imigração para o Brasil, e as dificuldades que os imigrantes vinham enfrentado por não falar a língua portuguesa. O projeto foi pensado para que os imigrantes pudessem se colocar melhor na sociedade, nestes 4 anos de projeto, só temos que comemorar os resultados positivos, graças à parceria que temos com a Faculdade Bagozzi, a equipe envolvida e os alunos que são comprometidos”.

Elza R. de Souza

português por meio da certificação emitida pela faculdade que, sendo uma instituição reconhecida pelo Ministério de Educação, pode substituir a certificação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-bras).

Atualmente, tendo em vista a situação de saúde pública do país o projeto está sendo realizado no ambiente virtual de aprendizagem da faculdade. Assim, os imigrantes podem acessar a sala virtual do curso, ter acesso a atividades e interagir com a professora e os intérpretes.

Humberto Herrera Contreras
Coordenador do Núcleo de Inovação,
Pesquisa e Extensão da Faculdade Bagozzi

Elza Rodrigues de Souza
Assistente social da
Fundação Honorina Valente



JOÃO É O DISCÍPULO AMADO

Uma figura que remete para os valores e para a espiritualidade na educação na formação human

por **Pe. Marcus Mareano**

O quarto evangelho se distingue dos outros três pela sua narrativa, pela maneira de relatar os fatos e pelo próprio conteúdo. Embora seja possível identificar passagens comuns a Marcos, Mateus e Lucas, João segue um esquema diferente.

Comparamos a dinâmica narrativa do quarto evangelho à entrada no Templo de Jerusalém. O pórtico ou adro é constituído pelo prólogo (1,1-18). No espaço acessível para todos, vemos os sinais em ordem crescente para uma opção de fé (1,19-12,50). Depois, entramos na parte reservada aos iniciados (13-20), na qual se revela o maior mistério: a “elevação” de Jesus na cruz. Por fim, temos a vida em comunidade a partir da fé no Ressuscitado (21).

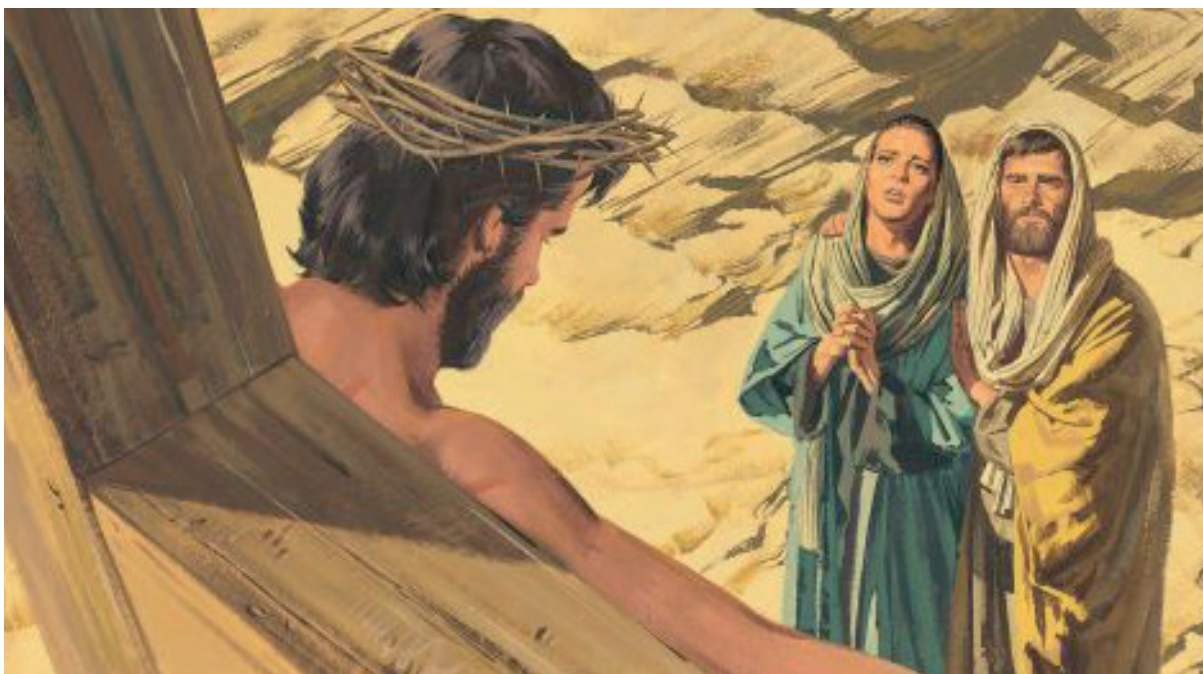
Na segunda parte do evangelho (13-20), surge a figura enigmática do “discípulo amado”. Ele não possui nome, não ocorre nos outros evangelhos e atua nas narrativas próprias de João. O discípulo amado conhece e participa dos mistérios da vida do mestre, por isso reconhecemos nele a testemunha por excelência. Ele sabe que Jesus não se abalou com a traição de Judas (13,25-26), ele é a testemunha da cruz (19,35), ele pode com plena autoridade anunciar e interpretar a mensagem a respeito de Jesus. O personagem representa o modelo de discípulo, pois percorreu o processo de iniciação no mistério de Cristo para anunciá-lo.

Cinco passagens do quarto evangelho se referem diretamente ao discípulo amado:

- **13,23:** Bem ao lado de Jesus, estava reclinado um dos seus discípulos, aquele que Jesus mais amava.
- **19,26:** Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava, disse à mãe: “mulher, eis teu filho”.
- **20,2:** Ela saiu correndo e foi se encontrar com Simão Pedro e com o outro discípulo, aquele que Jesus mais amava.
- **21,7:** Então, o discípulo que Jesus mais amava disse a Pedro: “É o Senhor”.
- **21,20:** Voltando-se Pedro viu que também o seguia o discípulo que Jesus mais amava, aquele que na ceia se tinha inclinado sobre seu peito.

A lista pode ser completada pelos casos que menciona indiretamente o discípulo amado:

- **18,15-16:** Simão Pedro e um outro discípulo seguiam Jesus. Este discípulo era conhecido do sumo sacerdote. Ele entrou com Jesus no pá-



tio do sumo sacerdote. Pedro ficou do lado de fora, perto da porta. O outro discípulo, que era conhecido do sumo sacerdote, saiu, conversou com a criada que atendia a porta e levou Pedro para dentro.

- **19,35:** Aquele que viu dá testemunho.
- **21,24:** Este é o discípulo que dá testemunho dessas coisas e as pôs por escrito.

Como visto, o discípulo amado participa do mistério da “elevação” de Jesus na cruz, isto é, sua paixão, morte e ressurreição. Assim, quem se dedica à missão na educação de hoje também deve entrar nesse mistério de amor e salvação. A adesão a Jesus se expressa no seguimento a ele (1,37.38.40; 8,12; 10,4.27; 12,26; 18,15; 21,19.20.22) para a continuidade de sua mensagem.

Jesus ilumina com sua vida uma maneira de exercer esse ofício na educação. Ele foi um “mestre” distinto e exemplo de “extravagâncias” de Jesus não faltam nos evangelhos: ele escolhia seus discípulos ao invés de ser escolhido (Mc 3,13-19; 6,7); fazia dos discípulos seus amigos (Jo 15,15); era exigente com os seguidores (Lc 9,57-62; 14,25-27); tornou-se um servidor (Jo 13,12-16); permitia mulheres em seu seguimento (Lc 8,1-3) e muitos outros exemplos. Ele era um “professor” que ensinava mais por ações do que por discursos, mais observava e cuidava do que impunha e rejeitava. Por

consequente, “todos ficavam maravilhados com seu ensinamento, pois ensinava como quem tem autoridade” (Mc 1,22). Um(a)discípulo(a) amado(a) na atualidade em âmbito educacional deve assimilar esses princípios do mestre amoroso.

O ingrediente que não faltava no ensino de Jesus era o amor. Como observado em sua vida, ele amou até o extremo (Jo 13,1); por amar, acolhia e se doava até as últimas consequências. Essa existência se assemelha a muitos exemplos de outros mestres que conhecemos e que, igualmente, vivem a oferecer-se por amor à experiência de formar seres humanos. Por esse motivo, dos diferentes mestres das nossas vidas, guardamos não apenas o conteúdo recebido, mas, sobretudo, a presença existencial e a sua representação para nós.

Que a vida de Jesus continue a nos ensinar a viver. Um mestre tão admirável naquele tempo pode continuar a causar fascínio nas pessoas do século XXI. Seu exemplo excede às palavras narradas e indica uma felicidade não encontrada na matéria ou nas circunstâncias, mas em uma opção pela plenitude da vida que aquele discípulo amado descobriu.

Pe. Marcus Mareano

Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e pela Universidade Católica de Lovaina – Bélgica (KU LEUVEN).
Professor do departamento de Teologia da PUC-MG.

ENTREVISTA RICARDO FRAGELLI



TECNOLOGIA E AS NOVAS ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS

Na entrevista desta edição da EducANEC vamos falar sobre a transformação da educação que tem migrado para o ambiente on-line. Ricardo Fragelli explica a metodologia – que já apresenta evidências de sucesso – e como os professores podem aplicá-la para favorecer a aprendizagem de seus alunos.

Inovação e Tecnologia (são temas presentes na prática pedagógica. Como você percebe que o uso das TICs pode contribuir com a aprendizagem das crianças e jovens na educação básica? Em muitas situações, as TICs potencializam o efeito

das práticas pedagógicas que envolvem protagonismo e colaboração, o que aumenta as possibilidades de experimentação e engajamento. No entanto, o professor deve planejar sua prática de acordo com o público-alvo e os objetivos de aprendizagem,

não sendo levado simplesmente pela empolgação em utilizar tais recursos. Dentro de um ciclo de formação docente, planejamento, prática e reflexão dos resultados observados, a inovação surge naturalmente para professores motivados e proativos. A inovação para o professor é quando o olhar atento encontra preparação e atitude. Formar um estudante inovador é cativar a percepção e a vontade.

Neste período de pandemia os professores tiveram que aprender o uso dos recursos tecnológicos de um dia para o outro. Na sua opinião, quais são os maiores desafios para os professores usarem a tecnologia hoje como recurso pedagógico? Realmente foi um grande desafio absorver uma gama de ferramentas novas, ao aplicarem recursos que não estão habituados e com os quais tampouco se sentem seguros e confortáveis. Entretanto, o professor não pode simplesmente transferir suas estratégias do ensino presencial para a educação on-line. Nesse contexto, o maior desafio é dominar as ferramentas tecnológicas e descobrir novas estratégias educacionais, reduzindo o tempo das atividades síncronas e planejando atividades assíncronas que possam ser realizadas no seu próprio ritmo. Essa é uma boa oportunidade para os docentes aprenderem mais sobre metodologias que utilizem tal estratégia como, por exemplo, a sala de aula invertida e o ensino híbrido.

Pensando em uma educação de qualidade social, como le-

var a tecnologia e processos de inovação para crianças e jovens de famílias menos abastadas? Segundo o IBGE (dados de 2019), a internet chega a mais domicílios brasileiros do que o saneamento básico. Mesmo assim, o acesso nem sempre é acompanhado com laptop e isso deve ser considerado pelo designer de conteúdo e interatividade. Cerca de 80% da população possui acesso à internet fixa ou móvel, mas isso também não indica uma qualidade no acesso. Sendo assim, o planejamento das experiências educacionais deve ser realizado com diligência, considerando uma pluralidade de possibilidades. Para o público que, mesmo carente, possui smartphone e a dificuldade está no acesso à internet com qualidade, deve-se considerar a possibilidade de parcerias com operadoras de celular ou iniciativas fomentadas pela comunidade. Sendo estabelecido o acesso, pode-se utilizar uma plataforma com bom design de informação e interação e introduzir gradativamente materiais interativos, vídeos interessantes e outros objetos de aprendizagem que promovam significado para a aprendizagem. Outra ação importante é planejar e monitorar a entrega de atividades, que servirá também como indicativo de dificuldades diversas por parte dos estudantes. Estratégias de gamificação podem ser um bom caminho para estimular o engajamento.

De que forma os sistemas de ensino público e privado podem atuar em consonância

para garantir o uso da tecnologia como um recurso que ajude nas aprendizagens de crianças e jovens? Inicialmente, deve-se realizar uma pesquisa sobre a necessidade de computadores, laptops, tablets, smartphones ou outros dispositivos de acesso digital para todos os estudantes, tanto do sistema público quanto o privado. Caso necessário, uma alternativa seria o compartilhamento de ferramentas digitais como, por exemplo, uma campanha de doação ou rodízio de dispositivos. A partir do momento que se tenha acesso ao conteúdo digital, é possível potencializar a parceria público-privado pela colaboração entre os professores no planejamento de algumas atividades. Outra medida seria a criação de grupos de colaboração entre os estudantes para o desenvolvimento de projetos (por exemplo, metodologia PBL) ou para o estudo dos conceitos de uma determinada disciplina (por exemplo, método Trezentos).

Será que as crianças e os jovens estão preparados para os desafios profissionais relacionados à inovação ou ainda é preciso aprofundar o assunto? A nossa educação ainda é muito conteudista e pouco engajada no desenvolvimento das competências inter e intrapessoais tais como iniciativa, empatia, negociação, cooperação, resolução de conflitos, liderança, valorização da diversidade, adaptação, autodidatismo, cidadania, integridade, flexibilidade e autocuidado, fundamentais aos profissionais do século XXI. Mesmo que as crianças os e jovens tenham a

oportunidade de desenvolver essas competências nas atividades cotidianas fora da escola, é no ambiente escolar que podem desenvolvê-las de modo mais adequado e virtuoso.

O que gostaria de deixar como mensagem para os professores das escolas católicas associadas da ANEC? Desejo aos amigos professores que olhem para o educando de modo mais amplo e menos conteudista, sendo cuidadosos no planejamento de suas atividades de modo a não estimular o isolamento no ambiente estudantil e que possam aproveitar o poder educativo da diversidade por meio de metodologias colaborativas.



Ricardo Fragelli

Doutor em Ciências Mecânicas e mestre em Engenharia Mecânica. Leciona nos cursos de Engenharia da Faculdade UnB Gama e de mestrado em Design, onde orienta trabalhos na área de Design Educacional. Detentor de diversos prêmios acadêmicos, resultado de suas pesquisas, Fragelli é autor de Método Trezentos: aprendizagem ativa e colaborativa para além do conteúdo (Penso, 2018).



MATÉRIA DE CAPA

TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO E O CORONAVÍRUS

O Covid-19 trouxe algumas lições, entre elas a de que a tecnologia educacional é caminho sem volta.

por *Natália Ribeiro*

O avanço do Coronavírus fez com que escolas e universidades tivessem que rever suas metodologias de ensino de forma intempestiva. O Ministério da Educação (MEC) divulgou algumas portarias orientando que as instituições de ensino substituíssem as aulas presenciais por atividades não presenciais. A ANEC tem publicado as legislações divulgadas pelo MEC, pelo parlamento e pelos órgãos responsáveis de diversos Estado do país em sua página na internet. Para saber mais acesse anec.org.br.

Além disso, semanalmente a ANEC tem oferecido formação continuada virtual com o intuito de apoiar suas associadas na formação em serviço dos seus educadores. As lives abordam metodologias e recursos pedagógicos para as aprendizagens não presenciais, soluções tecnológicas para as aulas síncronas e assíncronas, orientações para os gestores educacionais e diversos assuntos importantes para os atuais tempos de Pândemia. Não deixe de buscar por ANEC Brasil no Youtube para que você não perca nenhum conteúdo.

Com o isolamento social, o tradicional modelo

de aprendizagem de algumas salas de aula presencial, pautadas no ensino mnemônico, que já não era suficiente para atender às necessidades das novas gerações de estudantes, tornou-se impossível de continuar sendo aplicado. Diante da pandemia do Covid-19, tornou-se ainda mais necessária a transformação na maneira de repassar a informação ao estudante, de fazer educação, nas novas relações entre professor e aluno.

Segundo mapeamento realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), mais de 1,5 bilhões de estudantes foram afetados pela paralisação das aulas e fechamento temporário de escolas em 191 países e regiões. Isso significa que uma nova realidade foi imposta a todas as pessoas de alguma forma envolvidas com a educação.

Não podemos esperar que todos se adaptem repentinamente a estes novos tempos; já sabemos que a Educação não será a mesma porque as pessoas também mudaram.

Professores que tinham pouco ou nenhum contato com a tecnologia educacional precisaram co-



meçar a planejar aulas mediadas por telas junto com seus coordenadores pedagógicos e, ao mesmo tempo, descobriram a importância dos recursos tecnológicos para seus componentes curriculares. Com as aulas não presenciais surgiram novos desafios que não eram comuns nos encontros presenciais como por exemplo: problemas de conexão, a falta de formação para o ensino híbrido, a presença das famílias nas salas de aula virtual, entre outros.

A ANEC está sensível a estas mudanças e a necessidade de apoiar os educadores e gestores educacionais neste momento de disrupção. Mas também, como Associação, foi possível perceber muitos relatos de reinvenção, de boas práticas tanto no âmbito pedagógico como pastoral. Por isso, tem sido publicado, no site da ANEC, uma página intitulada “Boas Práticas”, com o objetivo de receber histórias sobre este momento e incentivar outros gestores e educadores a acreditar que as mudanças necessárias também trouxeram novas oportunidades para as instituições católicas. Se você tem algum relato de sua instituição, não deixe de compartilhar conosco. Envie sua história para comunicacao@anec.org.br.

**PRECISAMOS AINDA,
COMO EDUCADORES,
ADQUIRIR A
COMPETÊNCIA
DO LETRAMENTO
DIGITAL, SEM NOS
ESQUECERMOS
DO QUE NOS É
FUNDAMENTAL:
QUE TODAS
AS INFÂNCIAS,
ADOLESCÊNCIAS
E JUVENTUDES
TENHAM ACESSO A
UMA EDUCAÇÃO DE
QUALIDADE SOCIAL.**

Com o ensino mediado pelas tecnologias ficou evidente que apenas as aulas expositivas não atraem crianças e jovens. O ensino precisa desenvolver nos estudantes competências e habilidades cognitivas e socioemocionais que os preparem para uma aprendizagem sistêmica, transdisciplinar tornando eles protagonistas e habilitados para escolher seu projeto de vida.

Por isso, a aprendizagem não presencial não substituirá a aprendizagem presencial; elas serão complementares e poderão potencializar os espaços-tempos das instituições, rompendo os muros das escolas e abrindo novas possibilidades de aquisição de conhecimento para os estudantes.

Por isso, a aprendizagem não presencial não substituirá a aprendizagem presencial; elas serão complementares e poderão potencializar os espaços-tempos das instituições, rompendo os muros das escolas e abrindo novas possibilidades de aquisição de conhecimento para os estudantes.

A professora Roberta Guedes, Gerente da Câmara de Educação Básica, explica que um dos maiores desafios é a necessidade de adaptação a uma situação para a qual ninguém estava preparado. “Além das adequações que as instituições educacionais tiveram que realizar nos métodos de ensino, foi preciso repensar como atender às necessidades de cada estudante, como levar o novo método de ensino aos lares, levando em conta a realidade das famílias e as necessidades de

dos de ensino, foi preciso repensar como atender às necessidades de cada estudante, como levar o novo método de ensino aos lares, levando em conta a realidade das famílias e as necessidades de

METODOLOGIAS ATIVAS

O aluno sai da posição passiva, apenas recebendo as informações transmitidas pelo professor e é incentivado a interpretá-las de acordo com suas habilidades e características pessoais.

O professor atua como um guia para ajudar os alunos a alcançar esse conhecimento, caminhando lado a lado e não à frente, como no contexto tradicional.





aprendizagem dos estudantes. Precisamos ainda, como educadores, adquirir a competência do letramento digital, sem nos esquecermos do que nos é fundamental: que todas as infâncias, adolescências e juventudes tenham acesso a uma educação de qualidade social.”.

Educação 5.0 novas perspectivas

A educação já passou por diversas “revoluções”. Aos poucos os métodos de ensino, de aprendizagem foram se modernizando, se aprimorando. Enquanto a Educação 1.0 priorizava um modelo tradicional individualizado, a 2.0 trouxe moldes replicáveis em sala de aula e a 3.0 começou a incorporar tecnologia e a ressaltar o protagonismo do aluno.

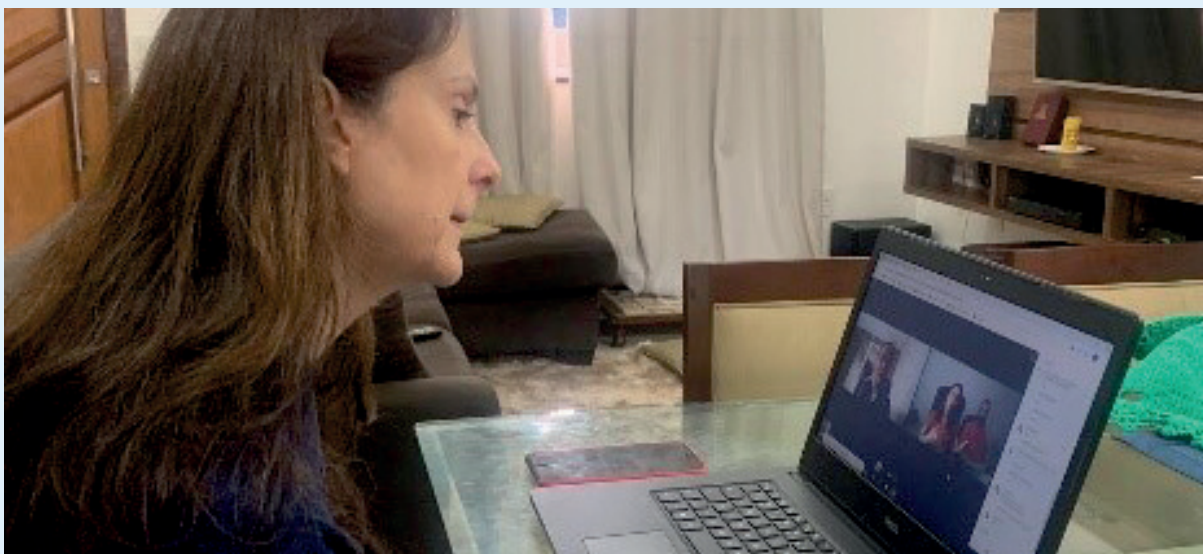
Já a Educação 4.0 promete transformar o conhecimento, com a adoção de práticas no setor administrativo e organizacional das escolas. As-

sim, os processos pode se tornar mais eficientes e é possível acompanhar de forma mais efetiva o desenvolvimento dos alunos, por meio da captação (e da interpretação adequada e precisa) de dados.

Nesse novo conceito, os alunos não precisam mais acumular conhecimento. Mas, sim, ter um ensino mais personalizado, capaz de oferecer a ele o necessário para atuar em profissões do futuro.

Na Educação 4.0 há ainda a inserção da tecnologia na educação e no dia a dia da sala de aula. Com a implementação de metodologias ativas e de aulas diversificadas, os estudantes entram em contato com essas inovações de forma simultânea ao aprendizado. Neste ponto, podemos destacar também o letramento digital, questão abordada em um de nossos cursos de formação virtual.

Natália Ribeiro
Gerente de Comunicação da ANEC



EXPERIÊNCIA DE AULAS REMOTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO MARISTINHA PIO XII

O ensino pautado no envio de atividades quinzenais, encontros on-line com as crianças e contato com as famílias

por *Patrícia Deoti*

O ano letivo de 2020 ficará marcado na memória de todos nós de uma forma significativa e singular, pois trouxe um contexto nunca antes vivido e pensado: aulas da Educação Infantil a distância, mediada pela tecnologia. E essa foi uma das muitas mudanças que a pandemia nos trouxe. Sem pedir licença, chegou para marcar a história da humanidade.

No Grupo Marista, a criança é vista como protagonista de sua aprendizagem, construtora de cultura que investiga e explora o contexto em que está inserida. Ela deixou de fazer isso na escola para fazer em sua casa, com sua família. O processo de aprender não deixou de acontecer em virtude disso, mas o cenário e os adultos que mediam o processo foram alterados. A casa e os familiares passaram a ser o centro das explorações

e das aprendizagens das crianças. Os professores, por sua vez, estão tecendo novos modos de interagir e estar junto aos estudantes, por meio da tecnologia. Isto é, família e escola devem ser parceiras no processo de aprendizagem das crianças.

No Maristinha Pio XII, o trabalho remoto engloba três eixos: envio de atividades quinzenais, encontros on-line com as crianças e contato com as famílias. Informamos o objetivo das atividades aos pais, como devem ser desenvolvidas e, em certos casos, são enviados vídeos com aulas gravadas pelos professores para mostrar como desenvolvê-las.

Os encontros on-line acontecem durante a semana com o objetivo de interação entre as crianças e manutenção do vínculo afetivo por meio da brincadeira. A duração é menor do que

seria na escola, pois, conforme indicado por vários estudos, não é saudável nem recomendável manter crianças por muito tempo em frente às telas. As atividades propostas incluem contação de histórias, jogos, brincadeiras, desafios, adivinhas, trava-língua, cantos, escritas e muito mais.

Os contatos com as famílias acontecem nos encontros on-line junto com a criança, atendimentos individualizados, nas reuniões de pais quinzenais, e em outros formatos que se fizerem necessários. Neste tempo de redescobertas de formas de se relacionar, partilhar experiências, temos colhido relatos de conquistas e dificuldades de ambas as partes. Por isso, é tempo de fazer juntos, de se apoiar, para juntos, escola e família, compor um tempo de respeito, bem-estar e aprendizagem das crianças.



SOLIDARIEDADE E ENGAJAMENTO EM TEMPO DE CORONAVÍRUS

Além da economia, ação é voltada para união à comunidade através de correntes de orações transmitindo esperança e fé

por *Elizabeth Landim Gomes Siqueira*

Solidário diante da pandemia do Coronavírus, o ISECENSA entrou em campo para dar sua colaboração. Em uma ação voluntária, professores dos cursos de Enfermagem e Fisioterapia uniram-se às “Formiguinhas do Bem” para a produção de capotes a serem doados para os profissionais da saúde de Campos dos Goytacazes e região. A primeira fase ficou sob a responsabilidade da associação das costureiras, que confeccionou 300 unidades, utilizando o material arrecadado pelos professores, comunidade campista e maçônica. A partir daí, a produção seguiu para os laboratórios do ISECENSA para empacotamento e esterilização.

- O uso da autoclave garante confiabilidade ao material que será utilizado pelos profissionais que estão na linha de frente do

atendimento aos pacientes vítimas do coronavírus – explica Felipe Jorge, coordenador do curso de Fisioterapia.

Ao aderirem ao movimento, os cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia de Produção também deram sua contribuição. Utilizando o Espaço Maker, alunos e professores estão produzindo protetores faciais, em impressoras 3D e corte a laser. Segundo Pompílio Reis, coordenador do curso de Engenharia de Produção, “as face shields seguem as normas e exigências da ANVISA e contribuem nesse momento ímpar, quando falta EPI (equipamento de proteção individual) nos hospitais”.

- É fundamental o engajamento de todos para enfrentarmos este momento. Nossa intenção é manter a produção

enquanto estivermos em pandemia -- diz a coordenadora do curso de Enfermagem do ISECENSA, Aline Marques.

Atento também à economia, muito afetada com a pandemia, o ISECENSA abriu uma nova frente de atuação, direcionada à questão. Dessa vez, teve como parceiro o CENSA que, arrecadando alimentos com os pais de alunos, montou e distribuiu cestas básicas para a Comunidade Tamarindo. Os moradores do local são basicamente diaristas e ambulantes que, neste momento, estão em confinamento e impedidos de trabalhar.

Ações direcionadas à mente e ao corpo também estão sendo realizadas. Utilizando as redes sociais, a instituição dá sugestões de exercícios físicos, leituras, performances artísticas dos alunos, cursos, produz vídeos motivacionais e promove grupos de discussão.

Entretanto, acima de tudo, une a comunidade por meio de correntes de orações transmitindo esperança e fé. Foi criado o Plantão Psicológico para o atendimento virtual e individual aos acadêmicos, bem como o Plantão Espiritual, com agendamento via plataforma Google for Education, fruto do credenciamento do ISECENSA à plataforma Google.

- Nós, salesianos, temos a essência solidária e não podemos nos omitir neste momento ímpar que passamos. Precisamos estar fortes para superarmos esta crise e isso só será possível com a participação de todos. Não estamos juntos, mas estamos unidos – disse Elizabeth Landim, vice-diretora do CENSA e ISECENSA.



MARISTAS SE PREPARAM PARA A SEMANA CHAMPAGNAT 2020

Este ano as atividades serão virtuais, devido ao distanciamento social recomendado como prevenção ao novo coronavírus

O Marista Centro-Norte se prepara para a Semana Champagnat 2020, que, este ano, será de 1º a 6 de junho, e acontecerá nas 28 Unidades Socioeducacionais – 9 escolas sociais e 19 colégios particulares. Para iniciar os trabalhos, a Coordenação de Evangelização, à frente do projeto, reuniu no final de maio, por meio de videoconferência, as equipes pastorais-pedagógicas das unidades, para auxiliar e propor subsídios para a organização das atividades.

O tema deste ano é Champagnat, agente de mudança, e nos convida a cultivarmos a consciência de pertença e corresponsabilidade no cuidado com a vida no planeta. Já o lema Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo, se inspira na poesia de Carlos Drummond de Andrade, e reflete os sentimentos do poeta sobre o mundo, considerando

o contexto histórico – a humanidade ainda se recuperava da 1ª Grande Guerra e vivia a iminência da 2ª Guerra Mundial, a ascensão do nazi-fascismo e a imposição do Estado Novo de Vargas.

Semana Champagnat virtual

Como a maioria dos eventos e pautas, em 2020, as atividades propostas para a Semana Champagnat serão virtuais, devido ao distanciamento social, que nos foi imposto, pela pandemia, provocada pelo novo coronavírus. O texto-base traz jogos, momentos culturais, lives, cine-fórum, brincadeiras, que podem ser realizadas no ambiente virtual de aprendizagem, por meio de metodologias adequadas à nova realidade.

Para o coordenador de Evangelização, Ir. Maicon Donizete Andrade, a Semana Champagnat é expressão do desejo de se fortalecer o conhecimento sobre a vida e

o legado do fundador do Instituto Marista, São Marcelino Champagnat. “Ao reconhecermos Marcelino como agente de mudança no seu tempo histórico, queremos, também, fortalecer nossa consciência de pertença e corresponsabilidade para com o planeta. Cuidar da vida faz parte do nosso jeito marista de ser. Queremos ser agentes de mudança em nosso mundo. Sabemos que temos apenas duas mãos, mas nossos corações carregam os sentimentos e as esperanças de toda a humanidade”, enfatiza o coordenador.

Ir. Maicon também fala dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, como inspiração, “ao assumirmos uma postura de guardiões e guardiãs do planeta, com práticas pastorais e pedagógicas humanizadas e inovadoras, que educam mentes e corações”.

REFLEXÃO



TRÊS DIAS DEPOIS ELES ESTAVAM REUNIDOS: A PERPLEXIDADE DE PENTECOSTES

por **Pe. João da Silva Mendonça Filho**

Praticamente temos duas versões de Pentecostes. A primeira está no Evangelho de João 20, 22s, a outra em Atos 2,1-4. Na primeira, o ressuscitado aparece três dias depois no meio de uma comunidade medrosa e fechada, ele sopra sobre eles. É o *Ruah* de Deus. O sopro nas narinas que transformou o boneco do pó da terra em ser vivente (Gn 2,7). Na segunda narrativa ele aparece como vento e línguas de fogo que pousam sobre a comunidade e a faz despertar e começar a falar. São duas experiências de vida nova que nos recorda o encontro de Jesus com Nicodemos: “É preciso nascer de novo” (Jo 3,3-4), quer dizer, buscar no Espírito de Deus a força que necessitamos para sairmos de nossos medos e esconderijos.

Então, é um mau sinal quando sopramos na direção errada

do sopro de Deus. Nesse sentido, Papa Francisco, na homilia da festa de Pentecostes de 2018, dizia: “O Espírito sopra, mas nós amainamos as velas. E, todavia, muitas vezes O vimos realizar maravilhas! Muitas vezes, precisamente nos períodos mais escuros, o Espírito suscitou a santidade mais luminosa! Porque Ele é a alma da Igreja, sempre a reanima com a esperança, enche-a de alegria, fecunda-a de vida nova, dá-lhe rebentos de vida. Como na família, quando nasce uma criança, essa complica os horários, faz perder o sono, mas traz uma alegria que renova a vida, impelindo-a para a frente, dilatando-a no amor. Do mesmo modo o Espírito traz à Igreja um «sabor de infância». Realiza renascimentos contínuos. Reaviva o amor do começo. O Espírito lembra à Igreja que, não obstante os

seus séculos de história, é sempre uma jovem de vinte anos, a Noiva jovem por quem está perdidamente apaixonado o Senhor. Não nos cansemos, então, de convidar o Espírito para os nossos ambientes, de O invocar antes das nossas atividades: «Vinde, Espírito Santo!» (Cf. Francisco, homilia 20/05/2018).

Essa força de vida, em plena pandemia, requer de nós a coragem de erguer as velas e recomeçar. Eis a perplexidade do hoje de Pentecostes. Se, naquele tempo causou espanto, porque todos entendiam em sua própria língua o testemunho da comunidade, hoje não será diferente. A linguagem do Espírito, diferentemente da glossolalia – o exibicionismo neopentecostal – que produz sons inteligíveis com a pretensão de manifestar a comunicação de Deus, é mais do que tudo a “alma que anima e guia a Igreja”, que em meio às tempestades se autocomunica na solidariedade, fraternidade, no amor ao próximo, na defesa da vida, na comunhão, no serviço ablativo; isso sim é a linguagem de Deus, o sopro do Espírito. Às vezes o mundanismo não entende essa linguagem.

E nós estamos fazendo a experiência da comunicação de Deus no silêncio que a pandemia nos impôs. Um silêncio, como bem recorda Papa Francisco, de saber olhar o crucificado que foi humilhado e morto, doando a vida plena, quase uma loucura, a loucura do amor de Deus pelo mundo. Isso sim é verdadeiramente a experiência de Pentecostes, a perplexidade que ainda hoje renova a Igreja, sem rugas e sem manchas. E, de tudo isso, nós somos as testemunhas. Nós, os loucos do amor salvador de Deus.

ARTIGO

AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E A TECNOLOGIA

Contribuições à formação da ética e da emoção

por *Lilian Neves*



A tecnologia é uma questão transversal à educação e chega com seu potencial mediador. Tem sido compreendida como ferramenta e linguagem contemporânea, de narrativas e comunicações ágeis, facilitadas e de rápida apropriação desta geração. Assim, a tecnologia como linguagem trouxe, à escola, o desafio agregado do letramento digital a seus estudantes, considerando-a na função de ferramenta, os dispositivos tecnológicos se prestam à gestão de dados, de automação de processos, de análises de resultados e, com recursos últimos, de inteligência artificial e aprendizagem de máquina. Com a tecnologia, desenvolveremos novas habilidades, transformaremos nossos costumes e nossa cultura e poderemos alcançar mais praticidade nas situações diversas.

Por ser um tema que atravessa, se conecta e performa outros. A tecnologia, assim, também se faz presente nas práticas da formação humana. Dessa

forma, a escola deve buscar a formação integral dos sujeitos e, por isso, compreende-se a integração das dimensões da pessoa – a saber: a cognitiva, corporal, socioemocional, ético-política-ambiental, espiritual, de transcendência! – sendo bio-culturais e congruentes.

Em destaque ao desenvolvimento socioemocional, é possível reconhecer como ele também se elabora diante dos desafios e das habilidades digitais. Vejamos alguns exemplos de como isso ocorre, de maneira prática, com as atividades educacionais. Nessas 5 situações fictícias, a seguir, serão apresentadas as cinco características da personalidade humana, de acordo com a teoria psicológica do Big Five.

Há quem fale muito nas aulas ao vivo e quem só escute, quem deixe o áudio ligado e faz comentário em todo tempo de fala do professor, interrompendo sua linha de raciocínio, e com perguntas inadequadas ou periféricas – como fulano fica

perguntando o dia de entregar o trabalho, outro fica bipando mensagens de “oi gente” no chat, uns perguntam sobre o que acabou de ser dito e outros dormem em frente à tela, afinal, a aula era num horário super cedo. O que afeta essa aula? Não é o conteúdo de história ou matemática que estariam sendo tratados ali, mas a competência emocional, a atitude, a atenção que teria que ser dedicada nesse momento. A extroversão é um dos fatores de personalidade que regulam essa comunicabilidade, assertividade, ou a competência de saber falar, adequadamente, de maneira clara e respeitosa.

O uso do celular é um dos dilemas tecnológicos que toda escola já se viu precisando refletir. A dúvida é o quanto esse dispositivo eletrônico se fará pertinente para o uso nas atividades educacionais, ou se tornará um gigantesco pretexto para a distração, desorganização, além do risco de eventos da desonestida-

de. Vejam que, só até aqui, já temos 3 faltas de virtudes morais. A escola pode decidir querer não correr esse risco. Para o uso, seja como for, será necessária uma prática da consciência, sendo essa mais uma característica da personalidade humana. É saber ponderar o posso, devo, convém fazer. É ter noção de suas competências e se empenhar na realização daquilo que iniciou.

Aplicação de jogos ou games e esquemas de competição digital, que promovam engajamento e se aproveitam da intensa dedicação de um jovem à frente da tela, enquanto conquista moedas, medalhas, troféus, à medida que responde perguntas de geografia ou se atenta à leitura dos enunciados com boa interpretação, é mais uma habilidade que o mundo digital aproximou da realidade da escola. A gamificação não se afasta muito das ações do behaviorismo ao conduzir a ação humana pelo treinamento de comportamentos. Há que se aproveitar do desenvolvimento de bons hábitos, mas esse composto todo também irá requerer estabilidade emocional. Esse é outro fator da personalidade humana. Conseguir se manter estável em humor diante das adversidades, tolerar as frustrações e a tristeza, não ser passivo diante de um problema e reduzir a sua vulnerabilidade diante de tantos estímulos externos e processos manipulatórios. Eis o desafio.

Sociabilidade é outro fator da personalidade que se faz presente no diálogo com a tecnologia. Sem dúvida, as redes sociais aproximaram as pessoas, reduziram distâncias e permitiram desde um bom dia a quem não

se vê com tanta frequência até... bem, até o limite que se queira permitir. Mas, será que essa interação toda, por manter vínculos e contatos frequentes com as pessoas não causou efeitos colaterais? Sim, há inúmeras publicações que irão tratar de uma dependência da aceitação, do "curtir" o que se postou, da crescente exposição de imagem e até dos efeitos nocivos das luzes

"A TECNOLOGIA COMO LINGUAGEM TROUXE, À ESCOLA, O DESAFIO AGREGADO DO LETRAMENTO DIGITAL A SEUS ESTUDANTES"

e elétrica, ao organismo do usuário, emitidas por um dispositivo móvel. Em educação, a sociabilidade aproximou colegas, professores, equipes de coordenação e pode ter uma função operativa da coisa. Entretanto, a falta de ética numa formação humana, pode só reacender as múltiplas possibilidades de fraude, de cópias de exercícios, de envios de mensagens como prints de tela e gabaritos. Portanto, sem dúvida alguma, é indiscutível que a escola contribua na formação da ética e da emoção, conjuntamente. A ressalva fica para o excessivo

contato humano somente mediados por tecnologia, o que reduz o olhar direto que promove a empatia entre os seres humanos e a ação generosa.

Por fim, com base na teoria do Big 5, estaria o quinto fator de personalidade aqui tratado, que é a de abertura à inovação, ou o quanto a pessoa se envolve com processos criativos, de iniciativa, proatividade, curiosidade para aprender a cultura, a fotografia, a arte, a filosofia, os detalhes de uma cuidadosa observação. Aos que se apoiam na tecnologia para isso, as possibilidades de combinação são exponenciais! Câmeras digitais, visitas a museus virtuais, equipamentos de som, imagem, edição, documentários na tv são só exemplos. Pesquisas na internet então, torna indiscutível o quanto promoveu-se disponibilidade e acesso ao conhecimento, às experiências, às consultas públicas. Ao que busca inovar é necessário observar. Para isso, por óbvio, não é necessária a tecnologia, mas bem que ela ajuda!

E, assim, se exemplificam entrelaçamentos dos temas tecnologia e competências socioemocionais, ao se entender que os saberes não existem fragmentados, ao contrário, se articulam, se complexificam, são recursivos e também se constroem em novos conhecimentos.

Que os nossos educadores possam ser agentes de transformação de suas práticas, com uso qualificado da tecnologia e com boas contribuições à formação socioemocional e tornem este tempo uma oportunidade de melhoria de qualidade de vida e bem-estar.

ESTANTE



BRINCAR, JOGAR E APRENDER

Tiago Aquino da Costa e Silva e Alipio Rodrigues Pines Junior
(Vozes)

Este livro é uma obra coletiva que tem por propósito trazer inspirações práticas a fim de serem aplicadas nos mais diversos espaços educacionais: escolas, brinquedotecas, parques, festas e outros. O leitor encontrará neste livro desejos, vontades e o que há de melhor de cada autor, pois aqui o brincar é coisa séria!



ORAR COM AS IMAGENS DA ALMA

Jared Patrick Boyd
(Loyola)

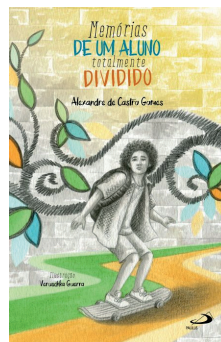
O autor, um pastor americano, narra já na introdução como tudo aconteceu: ele desejava ter uma relação mais afetiva com Jesus, como a que lia na vida de alguns santos. Um dia, ao fazer os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, ele alcançou essa graça. Ao descobrir a validade desse novo modo de oração, sentiu necessidade de passar para outros essa experiência: começou então em casa, com suas quatro filhas adolescentes.



O CULTIVO ESPIRITUAL EM TEMPOS DE CONECTIVIDADE

Francisco Galvão
(Paulus)

Escrito entre a agitação de São Paulo e o silêncio de Medellín, este é um livro para quem vive o descompasso da pressa e deseja reconectar-se consigo mesmo. É um despretenso convite à busca de sentido e harmonia em um mundo marcado por sofrimento e angústia. Um livro para todos aqueles que – professando ou não uma religião – continuam ávidos de sabedoria, compaixão e transcendência.



MEMÓRIAS DE UM ALUNO TOTALMENTE DIVIDIDO

Alex Gomes
(Paulus)

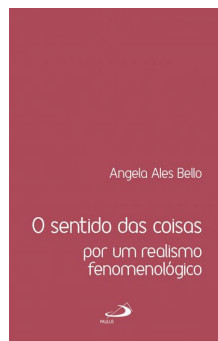
– Não sei, Malu. O pai do Bené é o técnico do time. Agora que consegui a vaga no gol, não acho que seja uma boa ideia. E se eu for barrado?
– Você está brincando, não é? Vai me abandonar logo agora? Onde está o seu senso de lealdade?
– Pois é. Isso me incomoda. Mas a lealdade ao time é importante também. O professor Geraldo nos disse que...
– Não me interessa o que ele disse, Mosquito! Família primeiro!



O SENTIDO DO SAGRADO

Angela Ales Bello
(Paulus)

É uma interpelação a um passeio fenomenológico ao mundo religioso em que o humanum é concebido em sua profundidade interior e nas suas relações de convivência, das quais resultam suas vivências expressas nos diversos ritos religiosos, denotativos de vida e, por conseguinte, de mundo da vida dos seres humanos em sua re-ligação com a Potência.



O SENTIDO DAS COISAS - POR UM REALISMO FENOMENOLÓGICO

Angela Ales Bello
(Paulus)

Esta publicação, explorando o problema do sentido e do modo como conhecemos e organizamos o conjunto de coisas de nossa vida cotidiana, constitui um exemplo de uma investigação em círculos concêntricos que inicia a partir do sujeito humano para compreender, em seguida, como se realiza nosso contato com o mundo das coisas da natureza e da cultura.



MISSA PARA CRIANÇAS

Goretti Dias
(Santuário)

A obra *Missa para crianças*, com textos de Goretti Dias e ilustrações de Veruschka Guerra, apresenta para os pequenos a história e o sentido da celebração da Santa Missa, de cada uma de suas partes e dos elementos que a compõem. É escrita de maneira simples, carinhosa e divertida, com o intuito de ajudar as crianças a entenderem melhor a Santa Missa, celebrarem Jesus e tornarem-se seus discípulos.



EMPREENDEDORISMO PARA JOVENS

Jerônimo Mendes e
Issuéf Zaiden Filho
(Ideias e Letras)

Neste livro você encontrará ferramentas práticas, exemplos reais e exercícios que vão ajudá-lo a perseguir seus sonhos com menos riscos e mais chances de sucesso. Ao ler esta obra, você terá uma visão prática de como transformar ideias simples em grandes oportunidades de negócios, sem complicações. A linguagem é acessível e motivadora, com o intuito de ajudá-lo a construir um futuro mais digno, mais rico e mais produtivo.

PROFESSORES E O ISOLAMENTO SOCIAL

por Marcelo de Cristo | Especialista Pedagógico da International School

Até bem pouco tempo atrás, o chamado *home office* era uma modalidade de trabalho desconhecida entre professores e demais educadores do ensino básico. **Era**. Desde que o Ministério da Educação (MEC) publicou uma [portaria autorizando as aulas na modalidade a distância para a educação básica](#) enquanto durar a situação de pandemia do COVID-19, professores das redes pública e privada têm se desdobrado para manter a qualidade do ensino de uma forma que pegou muitos de surpresa: “trabalhando de casa”.



“TRABALHAR DE CASA” É MAIS QUE HOME OFFICE

Há bastante confusão entre os termos. A [Organização Internacional do Trabalho](#) estabelece que o *home office* pressupõe gestão do próprio tempo e espaço doméstico, planejamento das próprias atividades e elaboração de estratégias para que a vida pessoal e familiar não afete a produtividade do trabalho, entre outros, - bem diferente do “trabalhar de casa”, escrito entre aspas para designar o discurso pragmático de muitos educadores ao descreverem suas novas condições de trabalho em tempos de isolamento social.

A alternativa atual, adotada às pressas para a continuidade das aulas, impõe uma série de desafios sem precedentes para educadores no mundo inteiro, contribuindo para um distanciamento do conceito de *home office* enquanto modalidade de trabalho regulamentada ([Lei 12.551/11](#)). Conforme [Maria Helena de Castro](#), membro do Conselho Nacional de Educação (CNE), “a grande dificuldade que o Brasil, assim como os demais países, está enfrentando é a situação imprevisível em uma área que não tem tradicionalmente a cultura do digital, do trabalho remoto ou da educação a distância”.

DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES

UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS DIGITAIS

Mesmo os professores mais “tecnofóbicos” têm descoberto o potencial de ferramentas digitais que possibilitam, por exemplo, a criação de salas de aulas virtuais, o compartilhamento e gerenciamento de atividades remotamente, e as interações por bate-papo ou videoconferências. Nesse sentido, a mediação tecnológica do trabalho pedagógico, deixando de ser meramente instrumental para se converter em estrutural, promove uma mudança de cultura ao contribuir para o desenvolvimento de competências digitais por longo tempo colocadas em segundo plano por muitos educadores.

ADOÇÃO DE METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS ALTERNATIVAS

Aqui, o desafio dos professores é o de articular a utilização das ferramentas e das estratégias adotadas com as possibilidades de tempo e recursos das famílias. O diálogo com as famílias é

crucial nesse momento de definição de caminhos possíveis. É importante cuidar para que não haja uma simples transposição da aula presencial para o ambiente online, e tampouco uma oferta de ensino à distância (EAD) para a educação básica. O que se busca é alguma forma de ensino híbrido que leve em conta os desafios atuais e se mantenha eficaz mesmo depois do fim das medidas de isolamento social.

AUMENTO DE CARGA DE TRABALHO

Ocorre devido ao tempo necessário para pesquisa, escolha de ferramentas e estratégias adequadas e familiarização com sua utilização; ao tempo de adequação dos planos de aula e dos objetivos pedagógicos, em virtude de os alunos também necessitarem desenvolver novas habilidades e competências (especialmente as digitais e socioemocionais); ao tempo de adaptação dos materiais didáticos e criação de novas atividades e projetos; e ao tempo diário de preparação (e posterior arrumação) do ambiente familiar. Essa sobrecarga deve ser levada em conta por gestores e professores ao pensarem o trabalho educativo remoto durante a quarentena.



CRIAÇÃO E NEGOCIAÇÃO DE NOVAS ROTINAS

Muita gente acaba esquecendo que professores são pessoas comuns, que neste momento também precisam preparar suas refeições e cuidar da casa ao mesmo tempo em que enfrentam todas as outras pressões e desafios profissionais. Conciliar tudo isso não tem sido fácil e requer um enorme esforço de organização, gestão de tempo e conhecimento dos próprios limites. É preciso empatia tanto por parte tanto dos gestores escolares como das famílias a fim de evitar o desgaste físico e emocional do corpo docente.

NECESSIDADE DE AUTOCUIDADO

Diante da novidade e da incerteza que caracterizam o momento atual das instituições de ensino e do contexto socioeconômico do país, é comum os níveis de ansiedade e estresse dos profissionais aumentarem. Fazer pausas e ter momentos para si é igualmente importante, seja para se alongar ou fazer exercícios, seja para relaxar, ligar para um amigo ou tomar um café.

CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A CONTINUIDADE DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Estamos vivendo um momento de reestruturação do trabalho pedagógico para enfrentar uma situação emergencial na educação básica. É importante ter em mente que “trabalhar de casa”, nas circunstâncias atuais, não é o mesmo que o trabalho na modalidade de home office, pois envolve novos e complexos desafios que precisam ser considerados em conjunto. De um dia para o outro, a penteadeira se transforma em estação de trabalho; o lençol se torna o pano de fundo da videoconferência; cadeiras empilhadas ganham a função de suporte para a câmera do celular; e os brinquedos e objetos da casa se convertem em materiais concretos. Nesse sentido, professores em todo o mundo têm demonstrado de forma corajosa o que todas as redes e instituições educacionais deveriam assumir como caminhos: **o diálogo constante com a comunidade escolar e a inovação permanente.**



Marcelo de Cristo é Especialista Educacional da International School, professor, escritor e tutor de cursos de certificação de professores (CELTA) pela Universidade de Cambridge, tendo atuado na formação e desenvolvimento de professores no Brasil, América Latina e Reino Unido.

Para mais conteúdo exclusivo acesse o nosso [Blog](#)



A REVISTA EDUCANEC QUER ESTAR CADA VEZ MAIS PRÓXIMA DE VOCÊ!

Para isso, gostaríamos de convidá-lo a participar conosco na construção desse material.

Tem interesse em sugerir novos assuntos por meio de notas, reportagens ou indicações de fatos interessantes? Então compartilhe conosco.

Basta enviar um e-mail para:
comunicacao@anec.org.br



Nossa missão é apoiar a sua!

Conheça as soluções pedagógicas pensadas para atender exclusivamente às necessidades das escolas católicas. Um jeito de ajudar a ampliar as possibilidades de trabalho de professores, facilitar a atuação do gestor e contribuir positivamente com toda a comunidade escolar.

